

AFONSO HENRIQUES

a partir de **UM POEMA ÉPICO DE TRADIÇÃO ORAL**
e **CRÓNICAS DA IDADE MÉDIA**



**Retrato do nosso primeiro rei com suas glórias e vicissitudes,
a desmistificação do herói ao som de gaita-de-foles e tambores**

19 de Junho a 15 de Agosto, Castelo de Palmela

Português | Duração 60 minutos

Público-alvo maiores de 6 anos | Entrada livre

+ Informações: 212 336 850 | comunicacao@obando.pt

Considerado o Melhor Espectáculo para a Infância e Juventude
pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro em 1983

Co-financiamento



Entidade Promotora / Criação

TEATRO BANDO

Co-Organização

Palmela
Câmara Municipal

O Teatro o bando é uma estrutura financiada por



Apoiada por

Palmela
Câmara Municipal

1. ENQUADRAMENTO DA OPERAÇÃO

O Centro Histórico da Vila de Palmela vai ser alvo de uma profunda intervenção que visa a sua recuperação e dinamização. Esta acção está orçada em 7 milhões de euros, e resulta de uma candidatura ao Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) apresentada pela Câmara Municipal e parceiros.

A “Recuperação e Dinamização do Centro Histórico de Palmela”, candidatura financiada pelo QREN, no âmbito do Programa Política de Cidades – Parcerias para a Regeneração Urbana, tem como grande objectivo a regeneração e revitalização do Centro Histórico e sua integração nas dinâmicas socioeconómicas do concelho, tornado este centro urbano uma referência em matéria de qualidade quer do ponto de vista residencial quer do ponto de vista turístico.

Em termos estratégicos, o Programa de Acção que consubstancia a candidatura, é distribuído plurianualmente, entre 2009 e 2012, procurando equilibrar as diferentes dimensões que caracterizam o espaço, designadamente: física, ambiental, económica, social e cultural. O modelo de gestão assenta numa Parceria Local protocolada e numa rede de parceiros estratégicos, com diferentes funções e responsabilidades, como por exemplo o Ministério da Cultura e o IGESPAR, instituições financeiras, empresas de construção civil, entidades formadoras, associações de desenvolvimento e ambiente.

Este Programa visa igualmente reforçar a multifuncionalidade do espaço, promovendo simultaneamente o Centro Histórico de Palmela como um elemento aglutinador e difusor do turismo no Concelho, Península de Setúbal e Região Lisboa, através da criação da Marca Centro Histórico de Palmela, associada ao seu Património Classificado, à Rota dos Castelos, à Ordem de Santiago, ao Vinho e à Vinha, às Artes de Rua e incontornavelmente, à Arrábida.

O projecto apresenta um plano de acção constituído por 40 operações, das quais 15 são da responsabilidade dos parceiros que constituem a Parceria Local Protocolada, designadamente: Junta de Freguesia de Palmela, Santa Casa de Misericórdia de Palmela, Fundação Robert Kalley, Teatro **bando**, Centro Social de Palmela, Associação de Idosos de Palmela, Associação FIAR, Sociedade Filarmónica Palmelense Loureiros, Sociedade Filarmónica Humanitária, Confraria Gastronómica, Associação de Comércio de Setúbal, Grupo 40 Associação dos Escoteiros de Portugal - Palmela, a AJITAR e a Associação Rota dos Vinhos da Península de Setúbal.

O Teatro **bando**, enquanto agente cultural activo na promoção do desenvolvimento do território e parceiro no projecto de requalificação do Centro Histórico de Palmela (palco de várias iniciativas culturais), participa no Programa de Acção com três iniciativas, contribuindo desta forma para a dinamização cultural e consequentemente para o desenvolvimento social e económico deste espaço.

No seu conjunto, estas três iniciativas (*Pino do Verão*, *Afonso Henriques* e *Saga – Ópera Extravagante*) envolvem mais de 500 participantes e estimam atrair mais de 10.000 espectadores (habitantes locais, visitantes e turistas).

2. ACERCA DO ESPECTÁCULO

AFONSO HENRIQUES é um espectáculo teatral que retrata o nosso primeiro rei com suas glórias e vicissitudes, desmistificando o herói ao som de gaita-de-foles e tambores. Partindo dum poema épico de tradição oral coligido por António José Saraiva e outros textos, com Dramaturgia, Encenação e Espaço Cénico de João Brites e com recolha de música tradicional Portuguesa, este espectáculo conta a história da nossa História a todo o tipo de públicos.

Tendo estreado em 1982, e com presença assinalada em vários festivais nacionais e internacionais, **AFONSO HENRIQUES** foi considerado em 1983 o Melhor Espectáculo para a Infância e Juventude pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro, foi recriado em parceria com o Teatro Nacional D. Maria II e, sendo agora adaptado, no âmbito do Plano de Acção “Recuperação e Dinamização do Centro Histórico de Palmela”, para apresentação no Castelo de Palmela. Este novo projecto envolveu uma equipa de pesquisa sobre a história de Palmela, nomeadamente do Castelo, adaptando-se o texto e a encenação à história e ao local de apresentação.

Sendo referidos no próprio texto do espectáculo dados da conquista do Castelo de Palmela, este projecto será realizado nesse local, enfatizando a dimensão histórica e turística do monumento.

AFONSO HENRIQUES será apresentado para o público escolar e para o público geral num total de 16 representações.

Um ano após as comemorações dos 900 anos do nascimento de Afonso Henriques, este espectáculo tem como objectivo contribuir para a animação do centro histórico, promovendo a vinda de visitantes – locais e em visita à região – e criar dinâmicas junto de públicos infanto-juvenis.

3. A PROPÓSITO DE AFONSO HENRIQUES

D. Henrique: Filho, toda esta terra que eu te deixo de Astorga para além de Coimbra, não percas dela um palmo, pois a ganhei com grande pena e trabalho. E filho, toma do meu coração algum... outro tanto, com que sejas valente. E sê companheiro para os fidalgos. E dá-lhes sempre os seus dinheiros bem contados. E respeita as assembleias da cidade e faz com que tenham os seus direitos tanto os grandes como os pequenos. E nem por pedidos, cunhas ou cobiça deixes de fazer justiça. Pois se um dia deixares de fazer justiça um palmo, logo ao outro dia se afastará de ti uma braça. E por isso, meu filho, guarda sempre a justiça no teu coração.

Afonso: Mamã, o que é a justiça?

D. Teresa: Afonso Henriques!... Shiu!

3.1 Pela nossa mão

Este é um retrato do nosso primeiro rei com suas glórias e vicissitudes, com suas conquistas e suas derrotas. O retrato de uma criança que herda um pedaço de terra lá para os lados de Astorga, de um adolescente que aprisiona a mãe, de um guerreiro que mata e que saqueia e que se zanga com o papa, de um conquistador temível que em nome do reino de Deus ataca sempre de surpresa, de um velho friorento que se liberta das mãos dos castelhanos e morre aprisionado nas memórias e nas imagens de todos nós.

Aos ombros deste gigante aleijado das pernas, o Teatro **bando** já percorreu as mil e uma vilas e cidades do Condado; foi a Braga visitar o túmulo de D. Henrique e a Coimbra ver o rosto do seu protagonista; itinerante, palmilhou a pé, a trono e a cavalo as terras de Viseu, de Leiria, de Aveiro, de Castelo Branco e da Guarda; reconquistou várias vezes Santarém e foi prisioneiro do sonho de muitas crianças na invicta cidade do Porto; encontrou as gentes mouras de Beja, de Évora, de Faro e de Setúbal e, antecipando a própria história, navegou até aos territórios oceânicos dos Açores; ao som de gaita-de-foles e de tambores invadiu a Europa através de Espanha e cruzou festivais por toda a França, Itália, Suíça, Holanda, Inglaterra, Luxemburgo, e Alemanha; conquistou terras nunca vistas para lá dos grandes mares, ali onde as pessoas dizem ser do Canadá, de Moçambique e do Brasil; e por fim veio repousar aqui entre os Barris, à vista do Castelo de Palmela.

Depois de vinte e sete anos de batalhas e encantamentos, e tendo atravessado teatros, recreios, escolas, anfiteatros, praças públicas e pavilhões desportivos, fazemos ainda mais actual uma história que nunca se esqueceu, desmistificamos um herói com novecentos anos que continua a provocar dúvidas, a levantar sonhos e a suscitar paixões – pois ninguém em

dias de sua vida fez na sua terra senão o que ele quis. Recriando e refazendo o que fomos aprendendo, o que foi sendo transmitido de elenco para elenco ao longo de várias gerações de actores, chegamos novamente com as palavras épicas vindas da tradição oral e das crónicas medievais e os gestos saltimbancos vindos da tradição teatral que este **AFONSO HENRIQUES** para nós já representa. Santiago!

Miguel Jesus, Teatro bando

o bando: **comunicar o inconformismo da criação**

[...] O espectáculo propõe-se confrontar a imagem que se tem de D. Afonso Henriques com o personagem que ele nos parece ter sido. Da primeira retomos as gravuras dos livros da escola primária, o herói da cota de malha, o crente, o milagreiro ou ente sobrenatural, o justo, o da espada de metros excessivos, digno da epopeia da independência nacional.

[...] Do personagem temos o homem que nasce de pernas deformadas e no entanto o excelente cavaleiro que morre aos setenta e seis anos de idade, o filho que prende a mãe, o guerrilheiro de faca nos dentes [...] Para os árabes, Afonso Henriques era o inimigo de Deus. Para os Godos, herói. Tratava-se de um salteador inovador da técnica de guerra num tempo em que as batalhas de campo raso prevaleciam, conduzidas pela nobreza.

[...] Toda esta história nos pareceu um bom ponto de partida para um trabalho que pretendemos dialéctico. Não pensamos em substituir uma versão oficial por outra que lhe seja contrária. Afonso Henriques é visto de uma perspectiva não maniqueísta. Nele se conjugam elementos positivos e negativos. Tentámos inseri-lo numa determinada sociedade, a sua, com todos os incidentes e costumes de um tempo, em que é óbvio que ele representa a vitória de um sector oprimido pelos senhores feudais. Claro que tudo o que se disse acerca desta figura pode parecer um modo desarticulado de encarar um tempo decisivo da nossa história. No entanto, a elaboração do espectáculo terá por base dados rigorosos. O importante é o produto final.

[...] Ao levantar esta questão não pretendemos ser um complemento escolar. Ademais a nossa posição não agradará decerto a alguns professores. Gostaríamos que a criança fosse alertada no seu espírito crítico porque para nós dados históricos não são farinha enlatada. Quando nos definimos como teatro-animação, combatemos a ideia do teatro infantil. Hoje afirmamos que o conceito de acessibilidade contraria ideias redutoras da criação para crianças.

O teatro que queremos não pode mais ser ilustração, confinar-se a apoiar programas escolares e normas de moral. A relação positiva que pode e deve existir entre o teatro e a escola é a que deveria existir entre as diferentes formas de arte e uma escola que soubesse compreender e

aplicar a sua função fundamental. Para além da aprendizagem das letras, há que formar cidadãos de uma sociedade em que têm que intervir. [...]

Entrevista ao **bando**, **Maria Emília Correia** in “Diário de Lisboa”, 28 de Agosto de 1982

3.2. Pela mão dos mais velhos

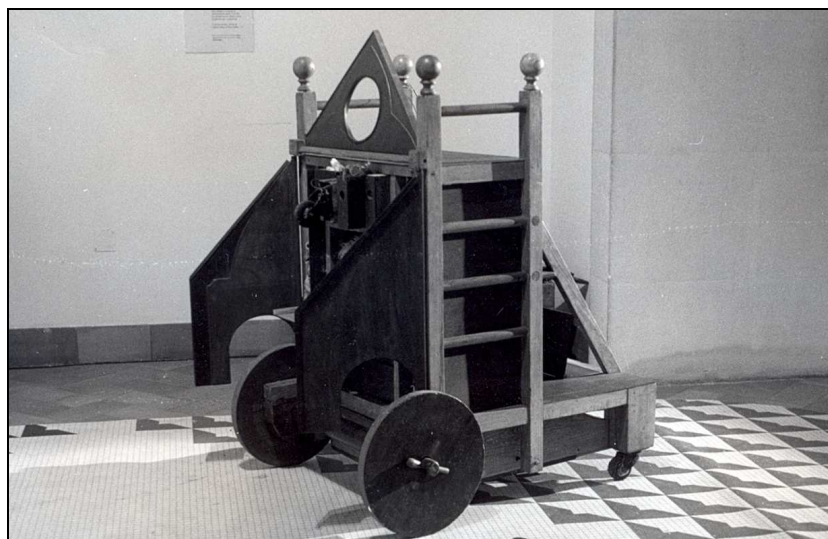
Afonso Henriques não era de lata

*O teatro tem como maior fascínio, precisamente o poder de contar histórias de viva voz, libertando as palavras das suas prisões encadernadas e devolvendo-as, transfiguradas, através do fenómeno artístico. É nisso que o **bando** aposta neste espectáculo. Os actores, como jograis do século XX, irrompem, com a sua música, na nova praça pública que é o palco.*

A atitude de se assumirem como pessoas que conversam/ representam, levando sempre em conta a presença e as reacções do público, é mantida durante todo o espectáculo.

[...] As cenas são preparadas sem nada na manga, tornando-nos cúmplices e parceiros do jogo. [...] Ao optar pelo árduo exercício da simplicidade, o grupo resolve cenicamente as difíceis cenas de batalhas e conquistas de fortalezas através de golpes de imaginação, restituindo-nos o prazer da celebração teatral. [...]

José Caldas in “O Jornal”, 25 de Março de 1983



Afonso Henriques dos pequeninos

[...] Entre a narrativa e o acto, entre o linear e o complexo, entre a fixação da história e o processo histórico, movimenta-se esta forma de criação teatral [...] Porém, ambos os traçados teóricos superados pela terceira via, a franca alegria de estar no palco, a festa de dizer, de fazer, de pôr em movimento [...] retocar o retrato oficial ou oficioso de Afonso Henriques, desmistificar a época sem pagar tributo à ideologização hodierna, numa palavra, nunca trair a teatralidade de cada acto vivido, visto, sonhado, do passado revisto pelo presente.

Jorge Listopad in "Expresso", 26 de Março de 1983

Afonso Henriques

[...] Cada novo adereço que vai surgindo em cena, cada pormenor dos figurinos é um elemento de surpresa pelo insólito, pelo espectacular e, ao mesmo tempo, pela vulgaridade que, no entanto, aparece metamorfoseada.

[...] A música espectacular, de sonoridade verdadeiramente popular, e o desenrolar do espectáculo são bem a aventura rara da imaginação a recriar o mundo, e da alegria a conquistar o público no teatro.

Maria Helena Serôdio in "O Diário", 10 de Julho de 1983

Um êxito do bando

[...] Prova o bando, com o seu AFONSO HENRIQUES – que destinou às crianças mas ao qual os adultos assistem coma agrado e prazer – que é possível brincar e pensar sobre tempos e vultos que as cartilhas oficiais solenizam, dissecam, empalham. Não à chateza. Não à lição de História enfadonha. Sim ao teatro. Sim à descoberta. Sim ao prazer. Tudo tangível por ângulos e ângulos. Não ao intocável. [...]

Fernando Midões in "Diário Popular", 6 de Abril de 1983

Um herói da banda desenhada

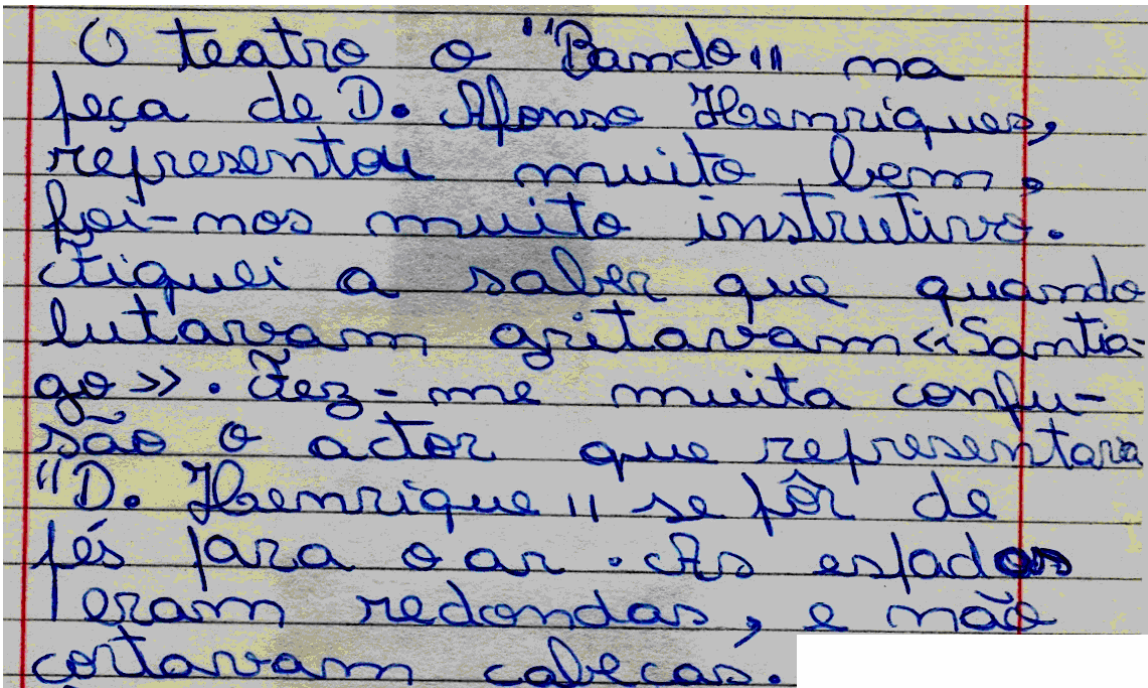
[...] Antes de mais, o espectáculo é uma festa: daí o surgimento inicial dos músicos com os bombos, a alegria e entrega de quem representa, o facto de se tornar pequeno como as crianças que, divertidas, assistem.

[...] A história vai perdendo aqui o seu carácter de coisa solene e sacrossanta, de algo de intocável mas também de supremamente chato que não apetece desvendar. A história converte-se assim numa história ou sucessão de histórias divertidas, uma festa para os olhos a que de imediato se adere.

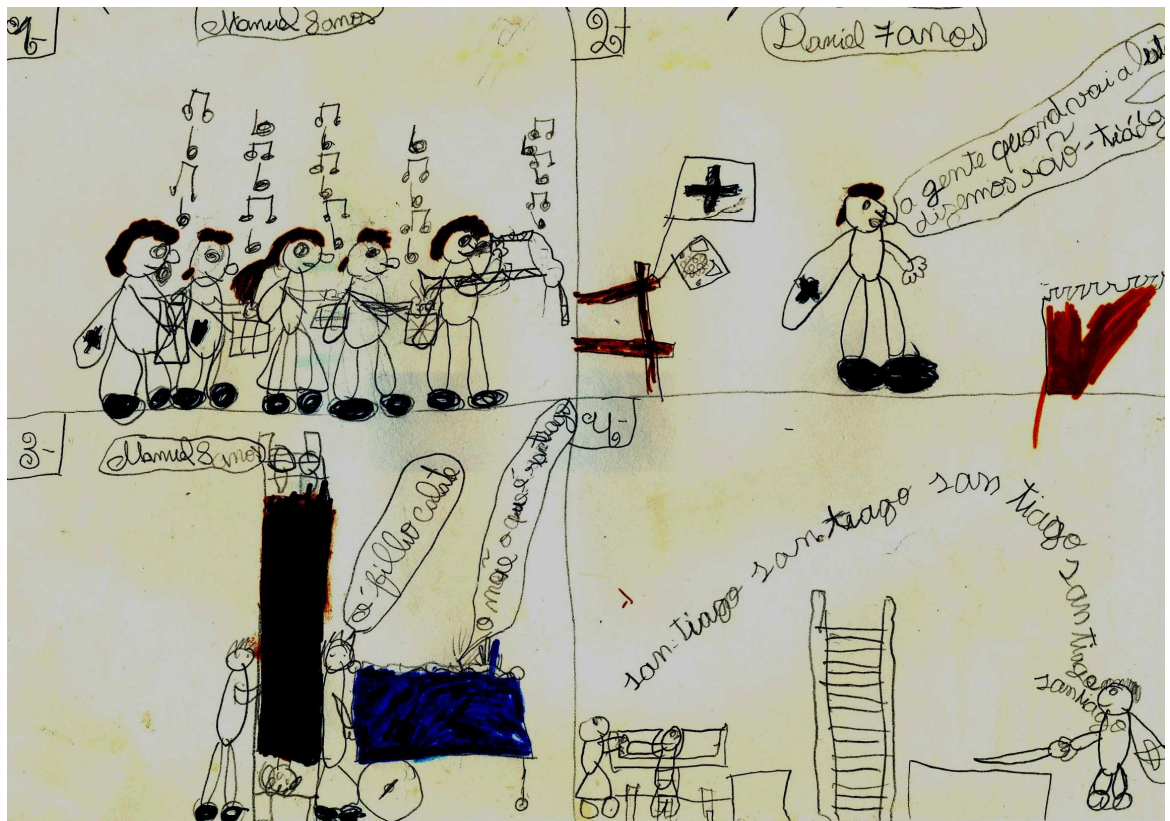
[...] Recorrendo ao teatro de fantoches, às técnicas da banda desenhada, a uma imaginação desenfadada, aos instrumentos tradicionais, a um humor que não poupa os vícios e defeitos dos «heróis», este é um dos mais belos espectáculos de teatro que ultimamente nos foi dado ver. Recomendável a crianças e adultos que, estes, riem-se e bem. [...]

Tito Lívio in "A Capital", 23 de Maio de 1983

3.3. Pela mão dos mais novos



O teatro o "Bando" na peça de D. Afonso Henriques, representou muito bem. Fez-nos muito instrutivo. Fiquei a saber que quando lutavam gritavam «Santiago». Diz-me muita confusão o actor que representava "D. Henrique" se pôr de pés para o ar. Os estados foram redondos, e não cortavam cabeças.



antes de
o pai de Afonso Henriques morrer,
ele falou para o filho, mas
como Afonso Henriques não
percebia o que é que o pai
lhe queria dizer, levantou o
braço e perguntou à mãe
mas esta sempre lhe dizia: «Pa-
la-te Afonso Henriques».



Eles optuaram bem mas quando estavam a fazer que estavam a chorar eles tinham - se um bocadinho mas no fim todo acabou bem.

Vi a vida de Afonso Henriques vi as batalhas que ele fez. Ele ia conquistar Santarém subiu a escada. E a escada partiu um guarda doouro perguntou:

- Quem é? E ele falou uma lingua que o doouro não percebeu. R:

- Afonso Henriques a ir enterrar o pai a Braga. Vi quando Afonso Henriques nasceu.



Os excertos e desenhos incluídos neste caderno foram realizados por alunos das: Escola Primária de Maceira, Escola das Azenhas do Mar, Externato Fernão Mendes Pinto, Escola N.º 3 de Olival de Basto e Escola Primária da Venda Seca.

4. NOTAS BIOGRÁFICAS

João Brites

Artista plástico, cenógrafo, encenador e dramaturgista, é fundador e Director do Teatro **bando** e lecciona na Escola Superior de Teatro e Cinema. Em Bruxelas frequentou os cursos de Pintura e de Gravura na ENSAAV – La Cambre. No âmbito das artes plásticas realizou diversas exposições individuais e colectivas. É autor de inúmeros artigos sobre teatro e sobre o processo de criação no **bando** e de algumas comunicações feitas em congressos da especialidade. Orienta estágios e cursos de formação no domínio do teatro. Encenou espectáculos e eventos no âmbito da Europália e da Lisboa94 e dirigiu a Unidade de Espectáculos da Expo98. Em 1999 recebeu o grau de Comendador da Ordem do Mérito e em 2008 ganhou o Prémio Anual da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro com o espectáculo SAGA.

Teresa Lima

Licenciada em Filologia Românica, fez o curso de Arte de Dizer do Conservatório de Lisboa e o curso de Formação de Actores da Comuna Teatro de Pesquisa. Como bolsista do Conselho da Europa frequentou cursos de voz em França, Bélgica e Suíça. Trabalhou como actriz com a Comuna, com o Novo Grupo e com o Teatro **o bando**. Como professora de voz e directora de actores já trabalhou com vários encenadores. Entre outras iniciativas, é actualmente professora de Voz na ACT – Escola de Actores e faz parte da Direcção Artística do **bando**, sendo responsável pela Oralidade nos espectáculos desta companhia.

Clara Bento

É natural do Porto e formada pelo Curso Geral de Escultura da Escola de Belas-Artes do Porto. Como figurinista, cenógrafa e adrecista trabalhou para vários grupos de teatro. Colaborou com o Museu de Setúbal em montagem de exposições e instalações temáticas e orientou vários ateliers. Desde 2001 que faz parte da Direcção Artística do Teatro **o bando**, criando e executando figurinos, adereços e outros objectos de cena.

Isabel Carretas

Formada pela Escola Superior de Belas Artes do Porto no curso geral de Pintura, já orientou cursos de formação para professores na área da expressão plástica (inseridos no projecto “O Mundo do Espectáculo”) e foi professora de Educação Visual em diversas escolas até 2008. Realizou várias exposições de pintura na Câmara Municipal de Lisboa, na Comuna e na Livraria Círculo das Letras, em Lisboa. Em teatro, trabalhou na criação cenográfica e de adereços com diferentes companhias. Colabora com o Teatro **bando** desde a década de 70.

Fátima Santos

Iniciou o seu trajecto em grupos de teatro amador, frequentou vários cursos de expressão dramática e trabalhou com diferentes companhias de teatro infantil. Colabora com o Teatro **bando** desde os seus dezasseis anos. Tendo integrado a equipa fixa em 1987, é actualmente Cooperante, responsável pela Itinerância e pela Direcção de Montagem, e participa como actriz em alguns espectáculos da companhia.

Ana Brandão

Formou-se como actriz no Curso de Actores do Instituto Franco Português. Trabalhou em teatro e em cinema com diversos criadores, realizadores e companhias. Como cantora já trabalhou com Carlos Bica, e desenvolve actualmente projectos com João Paulo Esteves da Silva e os Real Combo Lisbonense. É Cooperante do Teatro **bando** tendo já participado em vários espectáculos da companhia.

Guilherme Noronha

Concluiu o curso de Interpretação da Escola Profissional de Teatro de Cascais em 1998 e licenciou-se em Formação de Actores e Encenadores pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Tendo-se estreado como actor com o TEC, trabalhou com diversos criadores e várias companhias. Actualmente integra a equipa fixa do Teatro **bando** enquanto actor e Técnico Polivalente.

Miguel Jesus

Licenciou-se em Artes do Espectáculo na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Estudou bateria e percussão durante vários anos tendo feito parte de diversos projectos musicais. Ligado também à área da dramaturgia, trabalha actualmente no Teatro **bando** enquanto responsável pelas áreas de Comunicação e Conteúdos.

Nicolas Brites

Frequentou Artes Visuais e concluiu o curso de Cinema do Instituto Franco-Português. Filho de fundadores, desde cedo colaborou com o Teatro **bando**. Trabalhou com vários criadores em teatro e em cinema. Actualmente, dá aulas de teatro, encena grupos amadores, dirige a Associação Cultural OfeCena e enquanto Cooperante do Teatro **bando** colabora com a companhia enquanto actor e nas áreas da Formação e de Animação.

Paula Só

Nasceu em 1951 e integrou o Teatro **bando** em 1986, ano em que a interpretação da personagem Ti Miséria lhe valeu o Prémio de Melhor Interpretação do Ano da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro. Já trabalhou com diversos criadores e participou em vários filmes e séries televisivas. É Cooperante do Teatro **bando** desde finais da década de 80, tendo colaborado em muitos espectáculos, entre eles: AMANHÃ, OS VIVOS, TI MISÉRIA, MONTEDEMO e CRUCIFICADO.

Sara de Castro

Formada pela Escola Superior de Teatro e Cinema, é atriz profissional desde 1998 e tem trabalhado com diversos criadores e encenadores. Participou como atriz em vários espectáculos do **bando** e desde 2006 faz parte da equipa fixa como assistente da direcção. Cooperante do Teatro **bando**, é actualmente a responsável pela Gestão Administrativa e pela Coordenação Geral da equipa.

5. FICHA ARTÍSTICA

A partir de um **poema épico de tradição oral** e de **crónicas da idade média**

Dramaturgia, Encenação e Espaço Cénico **JOÃO BRITES**

Arranjo Musical a partir de recolha de **Música Tradicional Portuguesa**

Oralidade **TERESA LIMA** Figurinos **CLARA BENTO** Adereços **ISABEL CARRETAS**,
CLARA BENTO e **FÁTIMA SANTOS**

Interpretação **ANA BRANDÃO/PAULA SÓ**, **GUILHERME NORONHA**, **MIGUEL JESUS**,
NICOLAS BRITES e **SARA DE CASTRO**

Criação **TEATRO O BANDO**